

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Giovana Raupp dos Santos

MAPA DO LAZER:
a mancha de lazer da população jovem residente do Campo da Tuka

PORTO ALEGRE
2022

Giovana Raupp dos Santos

MAPA DO LAZER:

a mancha de lazer da população jovem residente do Campo da Tuka

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Melissa de Mattos Pimenta

PORTO ALEGRE

2022

Giovana Raupp dos Santos

MAPA DO LAZER:
a mancha de lazer da população jovem residente do Campo da Tuka

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharela e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais, obtendo conceito **A**.

Porto Alegre, 13 de maio de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Melissa de Mattos Pimenta

Orientadora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Alexandre Almeida de Magalhães

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho, em especial, a Angelina Raupp da Silva (*in memoriam*), minha querida e para sempre amada tia, que sempre me recebeu com todo o amor em sua casa no Campo da

Tuka e que contribuiu de forma imensurável para a construção deste trabalho.

Dedico este trabalho também a toda comunidade do Campo da Tuka, que, há muitos anos, acolheu minha família e, atualmente, acolhe minha pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, minha mãe Vera, que me ensinou, desde criança, que educação é investimento e o que ninguém pode me tirar. Obrigada por acreditar no meu potencial e me apoiar em absolutamente todos os desafios da minha vida. Esse “trabalho de confusão” não seria possível sem ti. Tu és meu exemplo maior de persistência e dedicação.

Obrigada, meu pai Pedro, por sempre me lembrar de que sou capaz. Obrigada por sempre me acolher, independente da situação, e demonstrar teu amor e apoio incondicionais. Espero te orgulhar assim como me orgulho de ti.

Obrigada, meu irmão Marcelo, pela vida que passamos juntos. Sem ti, não seria o que sou hoje. Obrigada pelas conversas, pelas vivências, por me consolar sempre que precisei e, principalmente, pelo carinho.

Obrigada, também, a toda a extensão da minha família. Agradeço, em especial, aos meus tios e tias Totô, Neninha (*in memorian*), Hilda, Fernandinho, Lete e Lelo e às primas e primos Bibi, Paulinha, Bina, Igor e Matheus, que me acolheram no Campo da Tuka e viabilizaram a realização dessa pesquisa. Vocês são parte de tudo o que está escrito aqui e serei para sempre grata por toda a colaboração, paciência e generosidade que tiveram comigo.

Obrigada, minhas amigas e meus amigos, pelo apoio de sempre. Agradeço, em especial, às minhas amigas Cláudia e Ritieli, que me inspiram a correr atrás dos meus objetivos todos os dias e me incentivam sempre a fazer o melhor, e ao meu amigo Yezan, que esteve comigo desde o início até o fim e que nunca deixou que eu não acreditasse na minha capacidade. Obrigada, também, as minhas queridas amigas do curso – as sócias das Sociais – por dividirem a trajetória acadêmica comigo e a tornarem muito mais leve e divertida.

Obrigada, minha orientadora, profe Melissa, pelo tempo em que estivemos juntas compartilhando e produzindo conhecimento. És um exemplo de docente e pesquisadora e me sinto honrada demais por ter tido a oportunidade de estar com a senhora nessa trajetória.

Obrigada, professores Alexandre e Victor, por aceitarem fazer parte da banca examinadora desse trabalho. É uma grande honra tê-los nessa etapa da minha trajetória acadêmica.

Obrigada, professoras e professores do IFCH da UFRGS, pelo acolhimento, trocas e todo conhecimento compartilhado. Os últimos dois anos, marcados pela pandemia de Covid-19, não foram fáceis, mas sei que fizeram todo o possível para manter a qualidade do ensino com que os alunos sempre estiveram acostumados. Agradeço, também, às técnicas e aos técnicos e

a todos os funcionários que cotidianamente constroem e mantêm o funcionamento da UFRGS.

Obrigada, por fim, a toda comunidade do Campo da Tuka, que gentilmente me permitiu realizar essa pesquisa. Agradeço, em especial, a Raissa, Duda, Marcos, Cleonice, Iara e Ismael, que generosamente dedicaram um pouco do seu tempo para conversar comigo e colaborar com essa pesquisa. Espero poder retribuir tudo o que fizeram por mim.

RESUMO

Este trabalho procura compreender as dinâmicas e as estruturas de lazer que a juventude residente do Campo da Tuka, vila localizada no bairro Vila João Pessoa da cidade de Porto Alegre, tem a seu dispor, descrevendo-as. Para tal, utiliza-se os métodos de entrevista e observação participante, assim como o uso de imagens e a pesquisa online. Discute-se sobre o conceito de lazer, suas definições e suas oposições, e sobre a vivência desse direito assegurado em Constituição, visto sua importância para o desenvolvimento pessoal e das relações sociais, sobretudo para a população jovem. A partir disso e do conceito de mancha de Magnani (2007), são mapeadas e descritas as principais estruturas de lazer dos jovens e das jovens residentes do Campo da Tuka: a praça, o campo de futebol, o Baile Funk e a Cervejaria. Apresenta-se, também, um panorama geral da vila a partir da descrição de sua história, suas estruturas e suas dinâmicas internas.

Palavras-chave: Lazer. Juventude. Periferia. Campo da Tuka. Porto Alegre

ABSTRACT

This work seeks to understand the dynamics and leisure structures that young people residing in Campo da Tuka, a neighborhood located in the Vila João Pessoa district of the city of Porto Alegre, have at their disposal, describing them. For this, interviews, participant observation, and images are used, as well as online research. The work discusses the concept of leisure, its definitions and its oppositions, and the experience of this right guaranteed in the Constitution, given its importance for personal development and social relations, especially for the young population. Based on this and Magnani's (2007) concept of stain, the main leisure facilities for young people and young residents of Campo da Tuka are mapped and described: the square, the soccer field, the Baile Funk, and the Brewery. An overview of the neighborhood is also presented, based on the description of its history, its structures, and its internal dynamics.

Keywords: Leisure. Youth. Suburb. Campo da Tuka. Porto Alegre.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa Vila João Pessoa.....	25
Imagem 2 – Mapa da mancha de lazer.....	28
Imagem 3 – Praça (brinquedos).....	30
Imagem 4 – Praça (quadra de futebol).....	31
Imagem 5 – Praça (quadra de basquete).....	31
Imagem 6 – Campo de futebol (1).....	33
Imagem 7 – Campo de futebol (2).....	34
Imagem 8 – Baile Funk da Tuka.....	35
Imagem 9 – Mapa do Baile Funk da Tuka.....	36
Imagem 10 – Cervejaria da Tuka (externo).....	37
Imagem 11 – Cervejaria da Tuka (vista do primeiro andar).....	39
Imagem 12 – Cervejaria da Tuka (palco visto do segundo andar).....	39
Imagem 13 – Balde com gelo e bebida em cima da mesa.....	40
Imagem 14 – Cervejaria da Tuka durante <i>show</i>	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCAT – Associação Comunitária do Campo da Tuca
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CELAR – Centro de Estudos de Lazer e Recreação
CUFA – Central Única das Favelas
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
MC – Mestre de Cerimônias
PIB – Produto Interno Bruto
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RMPA – Região Metropolitana de Porto Alegre
RS – Rio Grande do Sul
SAF – Serviço de Atendimento à Família
SASE – Serviço de Atendimento Socioeducativo
SESC – Serviço Social do Comércio
SMELJ – Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	11
<u>1 METODOLOGIA</u>	16
<u>2 LAZER: CONCEITO, FUNÇÕES E OPOSIÇÕES</u>	20
<u>3 LAZER: CIRCUITO, PEDAÇO, TRAJETO E MANCHA</u>	23
<u>4 APROXIMAÇÕES COM O CAMPO (DA TUKA)</u>	25
<u>4.1 A VILA</u>	26
<u>4.2 O LAZER DOS E DAS JOVENS NA VILA</u>	28
<u>5 A MANCHA DE LAZER</u>	30
<u>5.1 A PRAÇA E O CAMPO</u>	30
<u>5.2 O BAILE FUNK E A CERVEJARIA</u>	36
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	44
<u>REFERÊNCIAS</u>	46
<u>APÊNDICES</u>	48

INTRODUÇÃO

O lazer é um direito assegurado pela Constituição da República Federativa do Brasil em seu artigo 6º e, também, um direito expresso na Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo 24º. Entende-se, desse modo, que essa é uma condição fundamental para a formação dos indivíduos, seu desenvolvimento pessoal e de suas relações sociais. É a partir do lazer também, entre outras coisas, que se produzem as subjetividades de cada um e cada uma, sobretudo para os jovens e as jovens.

A vivência do lazer passa, contudo, por obstáculos, pois, para experienciar tais momentos, são necessárias, de acordo com Brenner, Dayrell e Carrano (2008), condições de vida material e capital cultural. Muitas vezes, participar de atividades e frequentar espaços de lazer se torna difícil para uma parte da população, especificamente para as camadas populares. A insuficiência ou inexistência de equipamentos recreativos ou culturais coletivos, assim como falta de recursos familiares, são fatores que impedem o desenvolvimento quantitativo e qualitativo do lazer (DUMAZEDIER, 2014).

Dessa forma, pode-se compreender que a vivência do lazer é de suma importância para o desenvolvimento humano, pois proporciona a realização individual nas mais diversas e agradáveis formas. Além disso, “as atividades de lazer criam uma certa consciência de liberdade ao permitir uma fuga temporária à rotina cotidiana de trabalho e obrigações sociais” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2008, p. 30).

A vivência do lazer é um direito para as pessoas de todas as idades e, para os jovens e as jovens, essa é, também, uma fase de experimentação, de inserção nas relações sociais, de construção de identidades e de descoberta de potencialidades. Para a juventude, esse é, sobretudo, um momento de produção de subjetividades. Como destaca Brenner, Dayrell e Carrano (2008, p. 31), “no espaço-tempo do lazer, os jovens consolidam relacionamentos, consomem e (res)significam produtos culturais, geram fruição, sentidos estéticos e processos de identificação cultural”.

Percebe-se, desse modo, a importância do espaço-tempo de lazer na vida dos jovens e das jovens como um aspecto de desenvolvimento humano e um fator de qualidade de vida. No entanto, sabe-se que, embora seja um direito assegurado, o lazer não consegue ser vivenciado de maneira similar por todas as pessoas. Brenner, Dayrell e Carrano (2008) afirmam que o acesso ao lazer é historicamente condicionado pelas condições materiais da população.

Andrade e Marcelino (2008, p. 15) argumentam também como “as formas de vivência do lazer por parte dos jovens estão diretamente relacionadas com sua condição socioeconômica, com sua localização no espaço urbano e com sua educação, entre outros fatores”. A autora e o autor também afirmam, em seu estudo sobre os jovens das periferias de São Paulo, que

a distância que separa a periferia da região central, onde se concentra a maior parte dos equipamentos específicos de lazer, é um dos fatores que inviabilizam a participação e o acesso de grande parte da população à intensa vida cultural que faz a fama da metrópole. (ANDRADE; MARCELINO, 2008, p. 4)

Porém, como frisam Andrade e Marcelino (2011), isso não significa, no entanto, que as pessoas não desfrutem de lazer nessas localidades. Os moradores de periferias e vilas, muitas vezes, criam espaços de lazer para o usufruto da população que ali reside, e muitos indivíduos também desenvolvem modos próprios de lazer em que não são utilizadas necessariamente estruturas públicas ou privadas de lazer.

Almeida e Gutierrez (2005) refletem sobre as práticas de lazer em diferentes contextos históricos da realidade política e econômica e brasileira. No período de 1946 a 1964, que os autores classificam como nacional-desenvolvimentista, o lazer é típico do início da industrialização: deixa de ser prioritariamente uma manifestação popular e comunitária para se tornar também uma mercadoria de consumo disponível no mercado. É claro que essa mudança não ocorreu da mesma forma e, tampouco, na mesma intensidade para todos os setores urbanos, pois

na cidade, ainda em desenvolvimento, havia muito espaço livre para a população de baixa renda organizar atividades lúdicas, enquanto que os setores mais abastados tinham os clubes esportivos e os parques públicos situados, em geral, nas regiões mais valorizadas (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005, p. 39).

Durante o período da ditadura, de 1964 a 1985, a classe média e os setores populares desfrutaram do lazer também de formas muito diferentes. A população mais pobre teve seus espaços-tempo de lazer diminuídos, enquanto o “milagre econômico” proporcionava a elitização do lazer para a classe média.

Com o regime militar as expressões populares e as festas típicas passam a ser controladas, assim como todas as expressões artísticas. A amizade com os vizinhos, a brincadeira de rua das crianças e o lazer típico do meio rural são inibidos não somente pela repressão policial, mas também pelo próprio desenvolvimento das cidades com a diminuição de áreas livres e aumento do número de carros nas ruas. Tudo isto torna a televisão a maior vivência de lazer popular. Os militares, sabendo que as manifestações populares e de

lazer serviam como propaganda política, iniciaram um amplo investimento na área esportiva, divulgando e incentivando a participação em jogos olímpicos e campeonatos mundiais de futebol, construindo estádios, campos de várzea e parques públicos. (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005, p. 41)

Ainda segundo Almeida e Gutierrez (2005), o lazer no período pós redemocratização ficou marcado pelo desenvolvimento vertiginoso da indústria cultural e pela globalização. As classes média e alta continuaram possuindo um amplo leque de alternativas de lazer e, por conta da globalização,

no Brasil o lazer das classes alta e média, não se diferencia muito das outras grandes metrópoles do mundo. São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, etc. possuem praticamente as mesmas possibilidades de lazer que Nova York, Tóquio, Paris, Londres, etc (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005, p. 48).

As possibilidades de lazer da população excluída e de baixa renda ficaram ainda mais restritas pela falta de espaço por conta do aumento da violência urbana e pela pouca quantidade e falta de investimentos em parques públicos e áreas verdes, que se localizam, muitas vezes, apenas nas regiões mais ricas da cidade. Rolnik e Klink (2011) apontam para as muitas disparidades socioespaciais que marcam o território brasileiro ao afirmar que “as cidades representam uma arena privilegiada no processo de acumulação, mas os atores sociais tradicionalmente excluídos da sua função social não têm conseguido se apropriar devidamente dos frutos do crescimento econômico” (ROLNIK; KLINK, 2011, p. 109).

Trazendo a discussão para a cidade de Porto Alegre, onde se localiza o Campo da Tuka, Amaral (2005) esclarece que:

Até 1993 as políticas públicas de lazer em Porto Alegre estiveram vinculadas à Supervisão de Esportes e Recreação Pública (SERP), setor ligado à Secretaria Municipal de Educação (SMED). Após este ano, passaram a estar sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME, que foi criada através da lei 7330).

Atualmente, a cidade de Porto Alegre possui uma Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude (SMELJ), que, segundo o site da prefeitura, está “encarregada de coordenar e executar a política municipal de esporte, objetivando a difusão das atividades físicas e desportivas formais e não formais, visando a inclusão social. Bem como, a promoção do esporte, da recreação e do lazer” (PREFEITURA POA, 2022).

Graeff, Waismann e Berg (2016) mapeiam os equipamentos culturais da Região Metropolitana de Porto Alegre, os quais fazem parte estruturas de lazer. Com uma população

estimada em 4,4 milhões de habitantes, a RMPA é umas das cinco mais ricas do país. Segundo os dados levantados pelos autores, Porto Alegre, que ocupa a segunda posição no IDHM Educação e a quinta no PIB *per capita* dos municípios da Região, possui quatro dos cinco tipos de equipamentos culturais (museus, teatros, arquivos públicos, cinemas e centros culturais) descritos na Meta 31 do Plano Nacional de Cultura, que “se presta a uma análise preliminar da oferta de cultura em um dado município. Trata-se, sobretudo, de uma meta estratégica, que dá conta de equipamentos e espaços culturais ‘nobres’ ou ‘típicos’” (GRAEFF; WAISMANN; BERG, 2005, p. 210).

O meu lazer, enquanto mulher que nasceu e cresceu em um bairro classe média de Novo Hamburgo, também cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, restringiu-se, quando criança, a atividades dentro do ambiente doméstico, como assistir televisão ou navegar pela internet, ou a ambientes como shoppings e/ou restaurantes. Desde criança também, frequento o Campo da Tuka¹, vila² localizada no bairro Vila João Pessoa da capital gaúcha, por ter muitos familiares residentes na região. A realidade do lazer da juventude que eu sempre observei no Campo da Tuka era diferente da minha, pois os jovens e as jovens residentes da vila, durante o dia, estavam geralmente nas ruas, conversando uns com os outros, brincando e/ou jogando, e não dentro de casa. O meu lazer, quando não era assistindo televisão, era em algum lugar longe de casa, em ambientes privados, e sempre me chamou atenção como as jovens e os jovens residentes do Campo da Tuka pareciam ter cotidianamente os seus momentos de lazer dentro da vila, e não fora. Pareciam formas de lazer muito diferentes das minhas, especialmente por se restringirem ao espaço da vila e, por esses motivos, meu interesse de pesquisa vai nesse caminho.

Dessa forma, compreendendo que a minha experiência de lazer enquanto moradora do centro da cidade metropolitana de Novo Hamburgo foi e ainda hoje é vivenciada de forma diferente da dos jovens e das jovens residentes do Campo da Tuka, questiono-me, nesse trabalho (e tenho a indagação como problema de pesquisa), quais são as dinâmicas de lazer e as estruturas disponíveis para a vivência desse direito assegurado constitucionalmente dessa população jovem dentro da localidade onde moram – o Campo da Tuka.

¹ Embora a Associação Comunitária do Campo da Tuca tenha a grafia de “Tuka” com C, assim como o a Clínica da Família Campo da Tuca, unidade básica de saúde da região, jornais e meios oficiais, opto nesse trabalho por escrever com K. Essa é uma escolha metodológica que se justifica pelo fato de os moradores, em seu cotidiano, escreverem Tuka, e não Tuca, e, para mim, não faz sentido escrever diferente de como a população ali residente escreve.

² Ao falar sobre o Campo da Tuka, refiro-me a ele mais frequentemente como “vila”, e pouco como “periferia”, pois dou preferência aqui também ao vocabulário utilizado pela população residente.

Um levantamento bibliográfico sobre o tema realizado no Portal de Periódicos da CAPES e na plataforma *Scielo* demonstrou que esse tema ainda não é tão explorado. Os estudos dissertam sobre a relevância da cultura hip hop para a juventude nas periferias e sobre a importância de ações que possibilitem uma maior participação social dos jovens na sociedade, mas não há muito material sobre os modos que os jovens de periferia vivenciam o lazer dentro da periferia.

Esse trabalho, portanto, pretende preencher a lacuna de estudos voltados diretamente à vivência do lazer das jovens e dos jovens periféricos dentro das periferias, tentando compreender as dinâmicas e estruturas de lazer disponíveis dentro do Campo da Tuka. Dessa forma, essa pesquisa se justifica pela importância de identificar as dinâmicas e as estruturas de lazer dentro da Tuka que os jovens e as jovens residentes dessa vila vivenciam. Propõe-se aqui também apontar que, embora o Estado falhe em proporcionar estruturas de lazer dentro da Tuka, a população, sobretudo os jovens e as jovens, têm, dentro da vila, os seus espaços-tempo de lazer legitimados.

O texto dessa pesquisa está organizado em cinco partes. Na primeira, discorre-se sobre a metodologia utilizada na pesquisa e minha imersão no campo. Logo após, discute-se sobre o conceito de lazer, sua história, o que o engloba e o que se opõe a ele e suas funções. Tudo isso é feito especialmente sob à luz dos estudos de Dumazedier (2014). No capítulo seguinte, são apresentados os conceitos de circuito, trajeto, pedaço e mancha de Magnani (2007), indicando como o conceito de mancha se mostrou adequado para pensar as estruturas de lazer utilizadas pelas jovens e pelos jovens do Campo da Tuka. Depois, apresenta-se o campo de estudos desse trabalho, discorrendo um pouco sobre a história e localização do Campo da Tuka e apresentando as estruturas de lazer nele presentes e mapeadas pelo trabalho. Apresenta-se, por fim, a praça, o campo, o Baile Funk e a Cervejaria, as estruturas que compõem a mancha de lazer dos jovens e das jovens residentes do Campo da Tuka.

1 METODOLOGIA

Essa pesquisa possui uma abordagem qualitativa e os dados foram coletados a partir de observação participante e de entrevistas individuais semi-estruturadas. O método da observação participante se justifica pela necessidade de se inserir no meio de pesquisa e compreender as dinâmicas presentes nas formas de lazer dos jovens e das jovens residentes do Campo da Tuka, além de conhecer presencialmente os espaços em que a juventude vivencia o seu lazer. Realizar a observação participante permitiu uma melhor compreensão da vida cotidiana e, conseqüentemente, das formas de lazer dos jovens e das jovens, além de obter informações que uma entrevista pode não possibilitar, conforme aponta Foote-Whyte (1980).

Segundo Duarte (2004, p. 215), “entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados”. Dessa forma, as entrevistas, realizadas com jovens de 18 a 29 anos³, foram importantes para identificar a compreensão das jovens e dos jovens sobre o lazer e seus modos de vivenciá-lo. Duarte (2004) ainda conta:

Elas [entrevistas] permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2004, p. 215).

Frequento o Campo da Tuka desde criança, mas minhas visitas a vila como pesquisadora, as ditas saídas de campo, começaram em fevereiro deste ano e terminaram em abril. Durante esse tempo, conheci a vila para além dos espaços que já me eram habituais, fazendo caminhadas e questionando sobre espaços que antes não conhecia. Além disso, mantive, durante o período de pesquisa, contato contínuo com alguns de meus familiares, meus inestimáveis interlocutores e colaboradores dessa pesquisa, que a todo momento me informavam sobre as atividades da vida cotidiana na vila, sanando quaisquer tipos de dúvidas que eu tivesse.

Foram formalmente entrevistadas duas jovens e um jovem, pessoas com quem o contato foi possibilitado por intermédio de meus familiares: Yasmin⁴, mulher de 20 anos, que

³ De acordo com o Estatuto da Juventude, no parágrafo 1º do artigo 1º, são consideradas jovens pessoas entre 15 a 29 anos de idade. Por fins éticos e metodológicos, optou-se, nesse trabalho, por entrevistar apenas pessoas na faixa etária de 18 a 29 anos.

⁴ Para preservar a identidade das entrevistadas e do entrevistado, são utilizados nomes fictícios.

vive no Campo da Tuka desde criança, atualmente mora com o namorado e trabalha com telemarketing de segunda a sábado; Roberta, mulher de 19 anos, mãe de uma bebê de seis meses, que não trabalha atualmente e que se mudou para a Tuka quando engravidou do seu namorado, que nasceu e cresceu na vila; e Thomas, homem de 25 anos, que nasceu no Campo da Tuka, se mudou e, quando adolescente, voltou a morar na vila, que trabalha como segurança em um hospital, sendo esse seu emprego fixo, mas desempenhando também outras atividades *freelancer*, que somadas compõem a renda de sua casa, que divide com a mãe.

Como as pessoas que entrevistei eram conhecidas de meus familiares, eu previamente sabia um pouco delas e, por isso, adequei as perguntas que fiz a cada uma de acordo com as poucas informações que eu tinha sobre sua realidade⁵. Minha intenção com as perguntas era conhecer a realidade cotidiana dessas jovens e desse jovem e questionar quais eram as atividades que exerciam em seu tempo livre e o que faziam para experienciar o lazer. As entrevistas não foram gravadas, pois, quando externei minha vontade de entrevistar alguns e algumas jovens, os facilitadores dessa pesquisa, meus familiares, expressaram preocupação, pois, de acordo com eles, os moradores da vila podem ser “desconfiados”, e minha vontade de entrevistar poderia não ser bem recebida. Dessa forma, optei por não realizar gravações, pensando que assim meus interlocutores pudessem se sentir mais confortáveis em dividir suas informações comigo. Felizmente, todas as entrevistas que realizei foram bem aceitas.

Obtive, em cada uma das entrevistas realizadas, uma perspectiva diferente sobre o lazer, já que cada pessoa possuía características de vida diferentes. Minha conversa com Yasmin foi longa e foi a partir dela que pude perceber que, de fato, a rua na vila, assim como os espaços públicos como a praça e o campo, são locais de encontro e de sociabilidade para os jovens e as jovens, espaços esses que sofrem a intervenção do Estado de forma negativa com a presença da Polícia e de suas abordagens truculentas para com os residentes. Roberta trouxe a perspectiva de uma residente nova do Campo da Tuka e de uma mãe, e a partir de nossa conversa pude pensar sobre como o tempo livre possui um significado diferente de tempo de lazer, sobretudo para as mulheres, que geralmente se tornam majoritariamente responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidados com filhas e filhos. A conversa com Thomas também foi muito produtiva, pois ele, como pessoa que trabalha em muitos turnos e tem pouco tempo livre, trouxe a perspectiva de que o lazer, mesmo associado a coletividade, ao estar com amigos e família, também ocorre em ambiente domiciliar com os jovens e as jovens residentes do Campo da Tuka. Além disso, Thomas falou sobre os diversos estabelecimentos que a

⁵ Deixo, nos apêndices K, L e M, as questões que fiz as minhas entrevistadas e ao meu entrevistado.

população residente da Tuka tem à sua disposição, sem ser necessário que se desloque para fora da vila para comer algo diferente da comida de casa, por exemplo. Outra coisa muito interessante que surgiu durante a conversa com o Thomas é que ele faz *shows* de *stand-up comedy* e usa sua experiência como morador do Campo da Tuka em seus textos de humor. Questionei a ele se seria uma possibilidade para ele se apresentar em algum espaço dentro da vila, e ele disse que não, pois há mais oportunidades para iniciantes como ele em outras cidades que não Porto Alegre. Entendi também, pelo que ele me disse, que suas piadas geram humor pois são elaboradas e pensadas a partir de uma perspectiva do que falta no Campo da Tuka e contadas para um público *outsider* da vila, e essas piadas poderiam não gerar tanto humor para o público interno e que vivencia o que Thomas conta em seus *shows* no dia a dia.

Durante esse tempo de campo, também visitei a Associação Comunitária do Campo da Tuca (ACCAT) e conversei com algumas de suas colaboradoras e colaboradores. Embora o trabalho da ACCAT seja atualmente mais centralmente voltado à administração da Escola de Educação Infantil Campo da Tuca, achei que seria muito importante conversar com eles, visto sua importância enquanto uma instituição tão antiga da vila. A Associação foi fundada em 1978 e lutou muito para que a vila recebesse atenção do Estado para o desenvolvimento de sua infraestrutura. Nessa visita, conheci os espaços da Associação e alguns de seus projetos, e tive uma conversa muito interessante sobre os trabalhos que a Associação desempenhou e atualmente desempenha e sobre a história da vila e algumas de suas dinâmicas internas.

Minhas saídas de campo duravam o dia inteiro, visto que não moro em Porto Alegre e parte do meu tempo era retido em deslocamento. Para fazer bom uso de todo o tempo disponível que tinha, nos dias que fazia entrevista também aproveitava para caminhar pela vila, compreender suas estruturas, visitar seus espaços de lazer e, também, fotografar. Depois de chegar em casa, registrava, em áudio, minhas impressões e descobertas. Depois de um dia de entrevista, gravava, também em casa, tudo que lembrava, a partir das perguntas que tinha anotado, da conversa que tive com os indivíduos entrevistados.

Essa pesquisa buscou trabalhar também com o uso de imagens, mostrando algumas das estruturas de lazer presentes dentro do Campo da Tuka, assim como outras estruturas diversas de atendimento ou serviço ao público. A intenção, ao utilizar dessa metodologia, é que a descrição e análise das dinâmicas de lazer dos jovens e das jovens tornem-se mais ricas com a possibilidade de visualizar como são essas estruturas, captando (ou ao menos tentando captar) suas nuances enquanto dispositivos de lazer geograficamente e socialmente localizados. Quem melhor descreve a potencialidade do uso de imagens em pesquisas é Novaes (2014) quando diz:

Poderíamos ainda acrescentar que uma das características do discurso verbal, seja ele oral ou escrito, é que só é possível enunciar uma palavra por vez. Por outro lado, imagens, tal como os sons, permitem que se perceba simultaneamente um conjunto de elementos. Imagens são o resultado de sensações visuais, que nos chegam como um todo. Ao se apresentar a nossos olhos a imagem nos traz a presença daquilo que nela está representado e, neste sentido, ela é um modo de presença, pois associa o objeto ou a pessoa representada a sua presença em nós que a observamos, daí esse processo de familiarização que a imagem desencadeia (NOVAES, 2014, p. 58).

O uso de imagens possibilita à pesquisa (mas também aos leitores) dimensões interpretativas diversas que enriquecem o conteúdo de análise. Gama (2009, p. 107) afirma: “devemos entender as imagens como uma espécie de representação que ‘fala’, ou seja, que contém informações objetivas e subjetivas que, por sua vez, são interpretadas por um leitor”.

Durante o período de pandemia, sobretudo na época de isolamento social, a pesquisa online se mostrou como um forte recurso metodológico. Quando esse trabalho começou a ser pensado, tive medo de só poder contar com esse recurso, mas, felizmente, foi possível ir a campo. A etnografia digital, especialmente nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*, foi aqui também utilizada como forma de aproximação e melhor compreensão das dinâmicas de lazer dos jovens e das jovens do Campo da Tuka.

No *Facebook*, existem grupos e páginas do Baile Funk da Tuka, mas que não estão mais em uso. O que realmente me chamou atenção na pesquisa nessa rede social foi como muitos residentes da vila, especialmente jovens, tem nos nomes de seus perfis a sigla TK, de TuKa. Embora este não seja o tema central desse trabalho, é muito interessante pensar como a identificação com a comunidade acaba por ser um fator na construção das identidades desses jovens, que, como irei expor adiante, têm o seu lazer muito associado a coletividade. Já no *Instagram*, tanto o Baile Funk da Tuka (@bailedatuka) como a Cervejaria da Tuka (@cervejariadatuka) são bastante ativos na divulgação de suas festas; quem também atua de forma muito ativa nessa rede é o Sindicato MCs (@produtorasindicato), que produz as festas do Baile e utiliza a plataforma para divulgação.

2 LAZER: CONCEITO, FUNÇÕES E OPOSIÇÕES

Os primeiros estudos sobre sociologia do lazer surgem nos Estados Unidos e na França nas décadas de 1920 e 1930, mas é a partir da Segunda Guerra Mundial que o tema se espalha para os demais países e passa a se relacionar com outras áreas de conhecimento (SILVA *et al.*, 2011). No Brasil, o lazer passa a ser tratado de forma mais institucional com o Seminário de 1969, realizado em São Paulo pela Secretaria do Bem-Estar Social da Prefeitura de São Paulo e pelo Serviço Social do Comércio (Sesc/São Paulo), que discutiu diversos enfoques possíveis para a questão do lazer. Segundo Silva *et al.* (2011), em 1973 foi criado o Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR), promoção conjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que tinha como objetivo principal auxiliar na educação para o lazer por meio da conscientização de novas dimensões impostas pelo mundo contemporâneo. Com a vinda para o Brasil, no final da década de 1970, (intermediada pelo Sesc/SP e pelo CELAR/RS) de Joffre Dumazedier, referência nos estudos de lazer, o tema ganhou mais notoriedade no país.

Pesquisadoras do campo utilizam autores clássicos como Marx, Adorno, Weber, Thompson, Habermas, Elias, entre outros, para pensar sobre lazer. Dumazedier (2014) argumenta que, para Marx, o lazer constitui um espaço que possibilita o desenvolvimento humano, e Almeida e Gutierrez (2005, p. 51) afirmam que “uma contribuição importante da obra de Habermas é questionar o lazer compreendido como, de um lado, um bem ou serviço de consumo à venda no mercado e, do outro lado, um lazer “verdadeiro” a exemplo de manifestações populares ou comunitárias” Gerbera (2000 *apud* ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005), pensando a partir dos estudos de Elias, define o lazer “a partir de uma decisão individual e não mais vinculado diretamente a um tempo determinado socialmente, como ocorre na tradição da dicotomia lazer/trabalho” (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005, p. 50).

Dumazedier (2014) suscita a discussão sobre o que consiste o lazer e o que se opõe a ele. Durante muito tempo, segundo Almeida e Gutierrez (2005), o lazer foi considerado como o contraponto entre ao tempo disponível e o tempo de trabalho. Fazem parte do tempo disponível o lazer e as obrigações sociais e familiares. O lazer, contudo, é o tempo de não obrigação social, como define Marcellino (1987 *apud* ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005). Dumazedier (2014) assim define o lazer:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua

participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se, ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2014, p. 34)

Ainda segundo Dumazedier (2014), o lazer tem três funções mais importantes, que podem estar presentes, em graus variados, em todas as situações. As três coexistem e podem se manifestar na mesma situação de lazer, e uma ou outra se destaca por assumir um papel de dominância.

A primeira dessas funções é a de descanso, em que o lazer atua como um reparador das deteriorações provocadas pelas tensões das obrigações cotidianas, sobretudo do trabalho. A segunda função é a de divertimento, recreação e entretenimento. Nesta, privilegia-se a evasão para um mundo diferente do enfrentado todos os dias, por meio de atividades baseadas em mudanças de lugar, ritmo e estilo, ou mesmo atividades com base na identificação e projeção, tais como o cinema e o teatro. A terceira função é a do desenvolvimento, que tem uma grande importância para incremento da cultura popular. São práticas e comportamentos livremente escolhidos pelos indivíduos e que visam o desenvolvimento da personalidade dentro de um estilo de vida pessoal e social (DUMAZEDIER, 2014). As atividades que caracterizam o lazer podem, portanto, ser de diversos tipos e ter natureza e características diferentes.

Dumazedier (2014) também lista uma série de atividades que estariam opostas ao lazer: o trabalho profissional, o trabalho suplementar, os trabalhos domésticos, as atividades de manutenção do corpo (refeições, cuidados higiênicos, sono), as atividades resultantes de obrigações familiares, sociais ou espirituais (aniversários, reuniões políticas, ofícios religiosos) e as atividades ligadas aos estudos interessados (cursos preparatórios no geral).

Muitas dessas atividades estão dispostas no período do tempo disponível, e vale aqui destacar os trabalhos domésticos, que, como se sabe, são atividades executadas majoritariamente por mulheres. É válido questionar o quanto de tempo de lazer as mulheres deixam de ter devido às tarefas domésticas, levando em conta que um pedaço considerável de seu tempo disponível é reservado a esses trabalhos. Hirata (2015), em seu trabalho sobre as mudanças e permanências das desigualdades de gênero no que concerne a divisão sexual do trabalho, diz que “a atribuição do trabalho doméstico às mulheres permaneceu intacta em todas as regiões do mundo, com diferenças de grau na sua realização, dos modelos

tradicionais aos modelos de delegação⁶” (HIRATA, 2015, p. 45). Além disso, pesquisas levantadas por Hirata (2015), realizadas pela PNAD/IBGE, mostram que mulheres brasileiras gastam 26,6 horas de sua semana com tarefas domésticas, enquanto os homens gastam em média 10,5 horas. Juntando as horas de trabalho remunerado e doméstico, as mulheres trabalham mais de 57 horas por semana, enquanto os homens somam um pouco mais que 50.

Uma das entrevistadas desse trabalho, Roberta, uma mulher de 19 anos, mãe de uma bebê de seis meses, relatou o que apontam também as pesquisas: quando questionada sobre o que faz no seu tempo livre, ela diz que, quando não está cuidando da filha, está limpando a casa, e que o seu tempo de lazer é muito restrito, tendo que, muitas vezes, também estar acompanhada de sua bebê. Embora o gênero não seja uma categoria de análise desse trabalho, é interessante destacar como o lazer é também afetado pelas desigualdades de gênero da sociedade.

Diante disso, compreendemos que o lazer pode ser entendido também como uma necessidade humana e como uma dimensão da cultura (GOMES, 2014). A vivência desse direito é, portanto, imprescindível para o desenvolvimento pessoal e das relações sociais dos indivíduos em uma sociedade.

⁶ O modelo tradicional pressupõe que a mulher não trabalha fora e, assim, assume os cuidados da casa e dos filhos. O modelo de delegação ocorre quando a mulher delega a outras mulheres, como empregadas domésticas, o cuidado com a casa, a família e as crianças. Para uma discussão mais detida, consultar Hirata (2015, p. 35).

3 LAZER: CIRCUITO, PEDAÇO, TRAJETO E MANCHA

José Guilherme Cantor Magnani (2007), em seu livro *Jovens na Metrópole*,⁷ organizado em parceria com Bruna Mantese de Souza, apresenta os conceitos de circuito, pedaço, trajeto e mancha.

Esse livro é, junto com *Lazer e Cultura Popular*⁸ de Dumazedier, uma referência para este trabalho, pois nele são explicitadas pesquisas sobre a temática dos jovens e suas práticas culturais, de lazer e de sociabilidade. São apresentadas etnografias que tratam dos espaços por onde os jovens e as jovens circulam e da sua imersão na paisagem urbana. Os autores pensam nos jovens como indivíduos cujos comportamentos e marcas distintivas sobressaem na paisagem e na dinâmica da cidade, e creio que o mesmo possa ser pensado para analisar as dinâmicas de lazer dos jovens e das jovens residentes do Campo da Tuka. Magnani (2007) diz que as pesquisas objetivam ver os jovens e as jovens “em sua interação com a cidade, seus espaços, equipamentos e trajetos” (MAGNANI, 2007, p. 19).

A partir dessas considerações, e refletindo sobre os padrões mais complexos de uso e apropriações da cidade e da circulação por seus espaços pelos jovens e pelas jovens, Magnani (2007) pensa em algumas categorias, que vou aqui explicitar.

Circuito diz respeito à mais abrangente das categorias dessa família, pois extrapola o espaço físico, possibilitando recortes não restritos a seu território. É composta pelo exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos seus usuários habituais. Não considero esse conceito adequado para pensar as estruturas de lazer frequentadas pelas jovens e pelos jovens do Campo da Tuka, pois essas, diferente do que é descrito pelo conceito de circuito, têm uma relação de contiguidade espacial, que é a vila e seus arredores.

Pedaço diz respeito ao “espaço intermediário entre o privado (casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 2007, p. 20). É um território como ponto de referência. Embora este não o tema central desse trabalho, penso como a rua para os jovens e as jovens do Campo

⁷ MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese (orgs). *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

⁸ DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

da Tuka consiste como um pedaço, pois ela é, para a juventude ali residente, um local de encontros e de sociabilidade entre amigos, considerada também como um espaço onde se vivencia o lazer.

Trajeto são os fluxos recorrentes nos espaços da cidade. É a extensão e a diversidade do espaço urbano para além do bairro, que impõem a necessidade de deslocamento por regiões distantes e não contíguas. Da mesma forma que o conceito de circuito, não considero trajeto adequado para pensar as dinâmicas de lazer e as estruturas frequentadas pelos jovens e pelas jovens do Campo da Tuka pela sua imposição de deslocamento para região distantes e não contíguas.

Por fim, mancha, conceito que tenho como central nesse trabalho, configura-se como “o resultado da relação que diversos estabelecimentos e equipamentos guardam entre si. É mais aberta, acolhe um número maior e mais diversificado de usuários, e oferece a eles não um acolhimento de pertencimento, e sim, a partir da oferta de determinado bem ou serviço, uma possibilidade de encontro” (MAGNANI, 2007, p. 20). Mesmo tendo frequentadores dos mais diversos, a mancha configura-se como um espaço “entre iguais”, visto que a procura por esse ponto na cidade dá-se pelos mesmos motivos.

Dessa forma, vejo como uma mancha as estruturas de lazer presentes no Campo da Tuka e frequentadas pelos jovens. Tanto a praça e o campo, como o Baile Funk e a Cervejaria acolhem um grande número de pessoas, a partir de suas possibilidades de encontro. As quatro estruturas oferecem equipamentos que acolhem grupos diversificados de jovens que se encaminham a esses espaços para vivenciar o lazer e encontrar outras pessoas.

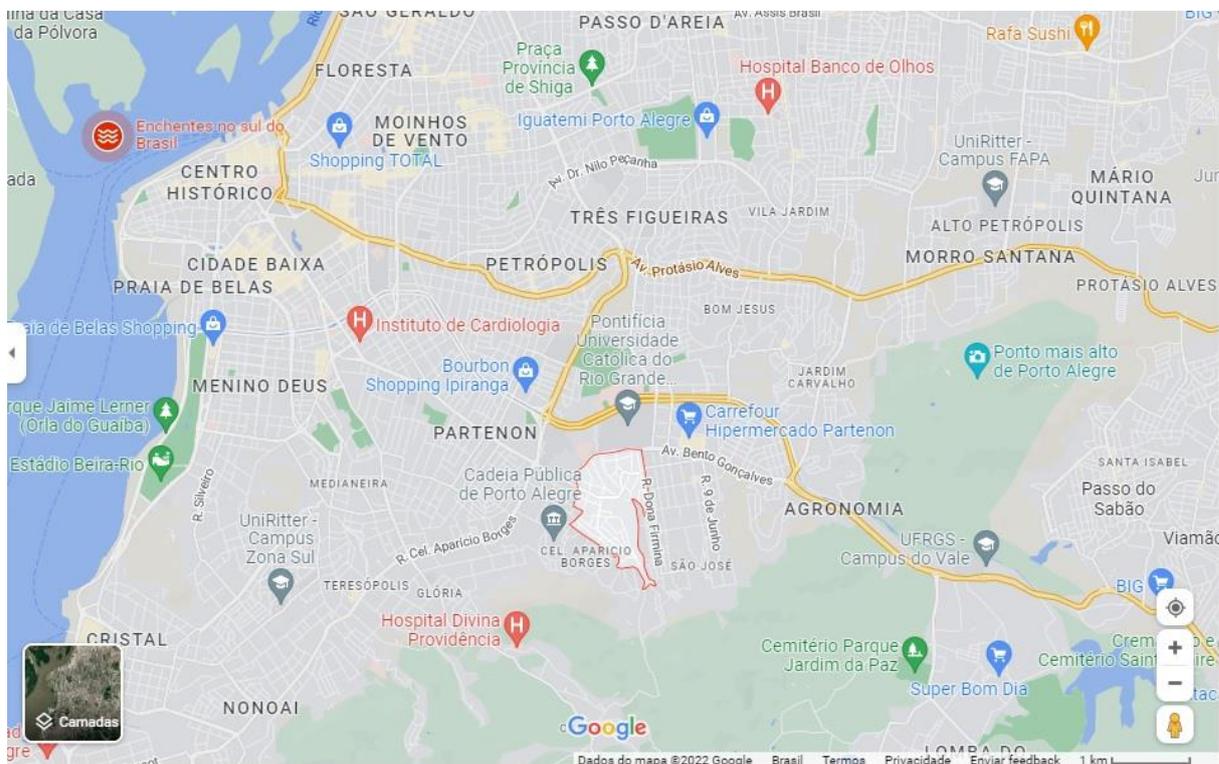
Esses são espaços centrais para os residentes da vila e especialmente para população jovem, que transita entre eles dependendo do tipo de lazer que desejam vivenciar. Pensando conforme Dumazedier (2014), nessas quatro estruturas é possível vivenciar o lazer como recreação, divertimento e entretenimento, e especialmente na praça e no campo pode-se vivenciar o lazer a partir das funções de descanso e desenvolvimento pessoal. É interessante como os jovens e as jovens transitam entre esses espaços a depender de como querem vivenciar o lazer em seu tempo livre.

4 APROXIMAÇÕES COM O CAMPO (DA TUKA)

Localizada na zona leste de Porto Alegre, próxima à PUCRS e à famosa Igreja São Jorge, está o Campo da Tuka, bairro não-oficial da capital gaúcha. A vila oficialmente faz parte do bairro Vila João Pessoa e começou a se formar na década de 1950, a partir do processo de reurbanização e ampliação das ruas em Porto Alegre (ROSA, 2016) e decorrente da migração da população pobre que fora expulsa das áreas da cidade que começavam a ser valorizadas⁹.

De acordo com dados de 2019 do Observatório da Cidade de Porto Alegre, a Vila João Pessoa possui uma população estimada em 13 000 habitantes e uma área de 1 122 km². A renda média do bairro é menor que a da cidade de Porto Alegre e seu IDHM é de 0,770, valor considerado alto, mas um pouco abaixo do índice da cidade, que é de 0,805. O bairro fica a cerca de 7km do centro da cidade e a locomoção através das linhas de ônibus leva em média 30min. Os equipamentos públicos de lazer no bairro são poucos, restringindo a poucas praças. A seguir, uma imagem que localiza onde está a Vila João Pessoa, grifada em vermelho, em relação aos outros bairros da cidade.

Imagem 1 – Mapa Vila João Pessoa



⁹ Para uma discussão mais detida sobre a migração da população pobre do centro da cidade de Porto Alegre para as periferias, especificadamente para a região Partenon, consultar Rosa (2016).

Fonte: *Google Maps*

O nome da vila se dá em homenagem a uma antiga moradora chamada Tuka, que detinha a posse de muitos terrenos onde hoje é a vila, como contam moradores e pelo que explica Rosa (2016), que nasceu e cresceu na Tuka e realizou ali um importante e detalhado trabalho de campo para sua dissertação. A palavra “campo” faz referência a um campo de futebol localizado bem no centro da vila, referência para a comunidade, especialmente para a população jovem, e para as pessoas de fora, e onde hoje vários times ali formados treinam.

Minha inserção no campo como pesquisadora se deu a partir do desenvolvimento dessa pesquisa, mas, como exposto na introdução desse trabalho, conheço o Campo da Tuka desde criança. Minha família materna, em meados dos anos de 1970, vinda do interior da cidade de Torres - RS, ali de instalou¹⁰. Atualmente, moro na cidade de Novo Hamburgo, na região metropolitana de Porto Alegre, mas são incontáveis os finais de semana e as celebrações de final de ano que passei na vila, junto aos meus parentes. Sempre soube, contudo, que minha realidade cotidiana era diferente daquela vivida por meus familiares, e justamente por isso alguns aspectos da vida na vila, como o lazer dos jovens, objeto de estudo desse trabalho, me chamavam atenção. Saliento essas informações para que fique claro que, embora o Campo da Tuka me seja um lugar de afetos, a minha inserção no campo não segue o movimento de “exotizar o familiar”¹¹, pois, embora eu conheça a vila, não vivi minha vida ali.

4.1 A VILA

Como aponta Rosa (2016), o Campo da Tuka era, em sua fase inicial, apenas uma chácara com um cabaré, um riacho e um campo. Com a vinda acelerada de moradores e o desenvolvimento da vila, esses lugares foram mudando. Hoje em dia, o Campo possui um grande número de serviços à disposição da população. São muitos armazéns¹², mini mercados¹³, restaurantes e lanchonetes¹⁴, lojas de diversos segmentos¹⁵, além de creches¹⁶,

¹⁰ Minha inserção no campo como pesquisadora foi fortemente facilitada pela presença dos meus familiares como residentes do Campo da Tuka.

¹¹ Concepção desenvolvida por Roberto Da Matta, antropólogo brasileiro que escreveu sobre o ofício do etnólogo.

¹² Ver imagem em apêndice A.

¹³ Ver imagem em apêndice B.

¹⁴ Ver imagens em apêndices C e D.

¹⁵ Ver imagem em apêndice E.

uma unidade básica de saúde¹⁷, uma unidade de triagem de resíduos recicláveis¹⁸ e uma associação comunitária¹⁹.

Dentre as estruturas presentes na vila, dou destaque aqui para a Associação Comunitária do Campo da Tuca (ACCAT), que embora não tenha sido mapeada e considerada como uma estrutura associada às dinâmicas de lazer da população jovem, desempenha um trabalho muito relevante junto à população residente, especialmente com crianças, adolescentes e jovens dentro do Campo da Tuka.

A ACCAT tem estado presente na vida dos moradores da Tuka²⁰ há bastante tempo, desde sua fundação, em 1978. Desde essa época, atua lutando pelos direitos das pessoas que ali residem, pressionando para que os órgãos públicos invistam na infraestrutura da vila. Segundo as informações levantadas por Rosa (2016), “a região terá, a partir de 1988 e através da ACCAT em suas diferentes gestões, o papel político de exigir dos poderes constituídos convênios com a Prefeitura e as respectivas obrigações legais que estes teriam com a comunidade” (ROSA, 2016, p. 64).

Atualmente, a Associação tem como principal foco de trabalho a administração da Escola de Educação Infantil Campo da Tuca, que atende crianças de um a seis anos, mas é responsável também por atender adolescentes e jovens pelo Serviço de Atendimento Socioeducativo (SASE). Além disso, a ACCAT também administra o SAF (Serviço de Atendimento a Família), centro de referência do Campo da Tuka que conta uma assistente social e uma psicóloga, e conduz um projeto para idosas e idosos. Os recursos da ACCAT, que conta com 34 funcionários²¹, vêm de convênios com a prefeitura e de doações.

A Tuka tem, também, uma série de estruturas de lazer, objetos centrais desse trabalho, que atendem a população de dentro da vila, mas, também, em certos casos, de fora dela. Mapeei, em meu trabalho, quatro estruturas que considero parte da mancha (MAGNANI, 2007) de lazer dos jovens e das jovens residentes do Campo da Tuka pelo trânsito da população jovem nesses espaços que são centrais como pontos de encontro e sociabilidade.

¹⁶ Ver imagem em apêndices F e G.

¹⁷ Ver imagem em apêndice H.

¹⁸ Ver imagem em apêndice I.

¹⁹ Ver imagem em apêndice J.

²⁰ A ACCAT atende, além dos moradores do Campo da Tuka, pessoas residentes das vilas que ficam ao redor, como, por exemplo, os moradores da vila Morro da Cruz.

²¹ A ACCAT é administrada por uma diretoria, e alguns dos que fazem parte da diretoria são, também, funcionários.

São eles: a praça²², o campo, a Cervejaria e o Baile Funk. Coloco, a seguir, um mapa, grifado por mim, que demonstra geograficamente onde estão localizadas essas estruturas.

Imagem 2 – Mapa da mancha de lazer



Fonte: *Google Maps*. Grifos meus.

4.2 O LAZER DOS E DAS JOVENS NA VILA

Essa pesquisa se limita a analisar as dinâmicas de lazer dos jovens e das jovens residentes do Campo da Tuka a partir da mancha de lazer ocupada pelas quatro estruturas supracitadas, mas é importante salientar que, durante o trabalho de campo, foram também percebidos outros aspectos do lazer dessa população que não necessariamente envolvem essas estruturas.

A partir das entrevistas realizadas e da observação do cotidiano da vila, foi possível assimilar que, de modo geral, o lazer da população jovem se dá, essencialmente, no coletivo. Os ambientes e estruturas utilizadas para a vivência do lazer são diferentes e podem se encontrar no âmbito privado ou público, mas há uma constância de que o lazer está, prioritamente, associado ao coletivo, com a família e/ou amigos. Formas mais individualizadas de lazer, como assistir a um filme sozinho, ler um livro e outras atividades individuais, foram pouco percebidas.

²² Com o nome oficial de Praça da Amizade Michael Ferreira, a praça não se encontra dentro do Campo da Tuka, mas faz parte da mancha (MAGNANI, 2007) de lazer dos jovens e das jovens que residem na vila.

A rua dentro da vila não é apenas considerada como um lugar transitório, onde se vai de um lugar para o outro; ela é vista e utilizada também como um espaço de sociabilidade e de encontros. É comum que esses e essas jovens coloquem cadeiras na rua, em frente de casa, e confraternizem com amigos. É comum, também, que façam churrascos nessas mesmas ruas, por vezes com o consumo de bebidas alcoólicas.

É normal, também, ver, nas ruas do Campo da Tuka, um grupo de jovens apostando em um jogo que envolve sorte e habilidade: o jogo do osso. Em terra úmida sobre o asfalto, forma-se a “cancha”, onde jogadores, separados por um espaço de aproximadamente cinco metros e munidos com dois ossos de joelho de boi, tentam acertar o objeto que dá nome à atividade depois da linha (desenhada por quem joga) em que se encontra o oponente. O objetivo maior do jogo é conseguir arremessar o osso para fora da linha, deixando-o caído com sua cavidade virada para cima. Essa é uma atividade que chama a atenção de quem passa, e o grupo que fica ao redor dos ossos é composto não somente por jogadores, mas também por apostadores, que ficam atentos a quem está se saindo melhor. É claro que quem joga também aposta, e aquele que melhor arremessa fica, enquanto os perdedores se revezam. O jogo do osso é também um esporte tradicionalista gaúcho. Diferente de como é jogado no Campo da Tuka, em que o espaço é improvisado e as regras são próprias, nos jogos oficiais, os Jogos Farrroupilhas, a tava (instrumento considerado como osso) é jogada em uma cancha de medidas exatas e as regras do jogo são explicitadas em manual.

Fica evidente, portanto, que a agitação nas ruas da vila se dá não somente pela circulação de pessoas, mas por encontros e espaços-tempo de lazer da população jovem. Os exemplos de atividades na rua explicitados mostram como, para a população jovem da vila, o lazer está associado à coletividade. Essa noção não muda quando pensamos o lazer a partir da praça, do campo, da Cervejaria e do Baile Funk.

5 A MANCHA DE LAZER

Mancha, conceito explicitado anteriormente e elaborado por Magnani (2007) em seus estudos sobre os circuitos de lazer, encontro e sociabilidade dos jovens, refere-se ao resultado da relação de diversos estabelecimentos e equipamentos que oferecem possibilidade de encontro guardam entre si. Considero adequado esse conceito para pensar nas estruturas de lazer que os jovens e as jovens do Campo da Tuka têm à disposição na localidade onde moram, visto que essa juventude transita entre esses quatro espaços para vivenciar o lazer.

Diante disso, as estruturas de lazer disponíveis e utilizadas pelos jovens e pelas jovens do Campo da Tuka podem ser pensadas como uma mancha de lazer, que é ocupada pela praça, pelo campo, pela Cervejaria e pelo Baile Funk. Dessa forma, divido esta seção em duas partes: na primeira, são descritas a praça e o campo, como lugares públicos de lazer ocupados pela população jovem e, na segunda, são descritas a Cervejaria e o Baile Funk, lugares privados e de festa.

5.1 A PRAÇA E O CAMPO

A Praça da Amizade Michael Ferreira, a chamada “pracinha”, fica localizada entre a Av. Luiz Moschetti e Av. Veiga. Embora não se localize dentro do Campo da Tuka, a praça é um dos principais espaços da população jovem da vila para o usufruto do seu tempo de lazer. A praça é grande e arborizada e possui duas quadras, uma de basquete e outra de futebol, além de um espaço de brinquedos para as crianças. A seguir, fotos do espaço da praça.

Imagem 3 – Praça (brinquedos)



Fonte: autoria própria. Fotografia registrada em 2022.

Imagem 4 – Praça (quadra de futebol)



Fonte: autoria própria. Fotografia registrada em 2022.

Imagem 5 – Praça (quadra de basquete)



Fonte: autoria própria. Fotografia registrada em 2022.

A população jovem, sobretudo masculina, utiliza as quadras da praça como forma de vivenciar o lazer, jogando com bolas próprias e em equipe. O espaço da praça, contudo, não se limita apenas à prática de esportes. Por ser grande e arborizada (como pode ser visto nas imagens), e ter uma boa extensão em grama, a praça é utilizada, também, como espaço de encontro e sociabilidade de muitos e muitas jovens.

Em dias de semana²³, o ambiente não é tão movimentado, mas, nos finais de semana, o fluxo de pessoas é grande. É claro que não são apenas jovens que frequentam a praça; muitas famílias com jovens, adultos e crianças utilizam o espaço para o usufruto do lazer. Nos dias de movimento, é possível ver muitos jovens nas quadras, assim como nos gramados. Alguns estendem toalhas, outros ficam de pé conversando, ou sentados em bancos.

Vale destacar que a manutenção da praça, como o corte de grama e o recolhimento de lixo, é responsabilidade da Prefeitura e uma reclamação recorrente dos usuários. Em conversa com colaboradores da ACCAT, descobri que foi feita uma solicitação para a instalação de equipamentos de academia pública para os usuários da praça. Contudo, o que foi instalado foram apenas algumas barras, que podem ser visualizadas na imagem 3, em vermelho, e que pouco servem à população.

²³ Vale destacar que as imagens da praça foram tiradas em dias de semana e, por isso, se vê pouco fluxo de pessoas.

Percebe-se, dessa forma, a pouca presença do Estado na praça para sua manutenção ou para atender às solicitações dos frequentadores. O Estado, contudo, se faz presente em determinadas situações e horários por intermédio da Polícia. A praça possui um fluxo de pessoas também à noite, quando muitos e muitas chegam do trabalho e se encaminham a esse espaço para relaxar e usufruir do seu tempo livre. Conforme me foi relatado pelos meus entrevistados e entrevistadas, é habitual que a Polícia se dirija à praça apenas para mandar todos embora. O Estado se faz presente, portanto, não para manter um espaço de lazer para sua população, mas para dispersar àqueles e àquelas que tentam, no horário que têm disponível, vivenciar o lazer.

Conduzo a análise agora para a o campo de futebol da vila. Essa é uma estrutura tão importante que o nome Campo da Tuka se dá por conta da centralidade desse espaço. De acordo com Rosa (2016), desde a década de 1920, já existiam pessoas naquela região que cuidavam do campo e dona Tuka, proprietária dos terrenos onde se formou a vila, tinha a preocupação de não deixar que os moradores que chegavam assentassem casa no campo para que aquele espaço de sociabilidade fosse mantido.

O futebol foi a principal atividade cultural, em um período em que não havia atendimento às necessidades básicas dessa população, como água tratada, esgoto e luz, para todos os membros que irão viver ao redor do campo de futebol. Será justamente em torno deste espaço que haverá a formação de núcleos familiares, de parentescos e de uma vizinhança que, através da venda de alimentos e organização de eventos musicais, tem seus principais “tramos” ou fontes de renda – os quais auxiliaram na formação cultural na comunidade (ROSA, 2016, p. 68).

Percebe-se, dessa forma, que, desde o início, o campo de futebol é um espaço muito importante de sociabilidade para os moradores da vila. É ele que dá identidade ao território do Campo da Tuka e, por isso, sua preservação e manutenção tornam-se prioridades. A seguir, fotos do campo:

Imagem 6 – Campo de futebol (1)



Fonte: autoria própria. Fotografia registrada em 2022.

Imagem 7 – Campo de futebol (2)



Fonte: autoria própria. Fotografia registrada em 2022.

Segundo o que foi contado por colaboradores da ACCAT, o espaço do campo é da comunidade e, portanto, não existe uma única pessoa ou instituição dentro da vila que seja responsável por ele. A manutenção, no entanto, deveria ser feita pela Prefeitura, mas não é. Quem auxilia na conservação do campo são os próprios moradores, e um trabalho mais elaborado de manutenção, como a instalação de redes e de luzes e a pintura do espaço, foi realizado apenas quando um colaborador da Associação esteve trabalhando junto à Prefeitura.

O campo já foi utilizado como local de festa, quando ocorriam os “Planeta Tuka”, festas parecidas com as do Baile com participação de atrações musicais, e, atualmente, é utilizado pela ACCAT como um espaço para atividades de recreação e exercício físico com as crianças e adolescentes e, também, como local de treino e jogos de futebol. Cabe destacar que a Tuka possui times de futebol ali formados e que têm uma importância muito grande para a população residente da vila, especialmente para a população jovem. Alguns dos times formados no Campo da Tuka são o Flamenguinho²⁴, o mais antigo, formado na mesma época que a ACCAT, o Azulão, o 12 Horas e o time da Rua I. Os times jogam campeonatos e são,

²⁴ Para uma discussão mais detida da história do Flamenguinho, consultar Rosa (2016).

em sua maioria, formados por homens, embora haja, também, um time feminino com adolescentes.

Foi a partir dos times e dos jogos de futebol que, como aponta Rosa (2016), começaram a ser organizadas reuniões, confraternizações e festas dentro do Campo. Atualmente, a população jovem, mais especificadamente, joga nos times e, também, acompanha os jogos de campeonatos realizados no campo, além de ocupar o campo como um espaço de encontro entre amigos.

É evidente, portanto, que a presença do campo na vila, e o conseqüente desenvolvimento dos times, desempenha uma função de sociabilidade muito grande dentro da Tuka. Foi, inclusive, a partir do time de futebol Azulão, por volta do ano de 2007, que se iniciou a movimentação para o desenvolvimento dos bailes de funk dentro da Campo. Em 2012, o time 12 Horas venceu o torneio realizado pela CUFA (Central Única das Favelas) e, na medida que o funk e o futebol da vila se fortaleciam, essa vitória trouxe muita visibilidade e projeção nacional para o Campo da Tuka (ROSA, 2016).

5.2 O BAILE FUNK E A CERVEJARIA

O Campo da Tuka possui também estruturas de lazer privadas, e são aqui destacados os dois maiores locais de festa da vila. O Baile Funk da Tuka é conhecido para além do espaço do Campo, sendo considerado “o palco do funk do sul do país”. Entre os frequentadores estão os residentes da vila e pessoas de fora dela, todos atraídos pelas festas que contam com grandes nomes da música nacional, especialmente do funk e do rap, como Ludmilla, Djonga, Xamã, Mc Drika, entre outros. A seguir, uma foto do baile e um mapa de sua estrutura.

Imagem 8 – Baile Funk da Tuka



Fonte: autoria própria. Fotografia registrada em 2022.

Imagem 9 – Mapa do Baile Funk da Tuka



Fonte: conta do *instagram* @bailedatuka

Como pode-se ver nas imagens, a estrutura do Baile é grande e organizada. As festas ali produzidas são de grande sucesso e atraem, sobretudo, a população jovem. Contudo, o Baile não se restringe apenas a um lugar de festas. Rosa (2016), ao estudar a cena da música na vila, fala sobre a Escola de MCs, formada por jovens iniciantes no funk e que desejam poder tocar no Baile Funk. O envolvimento dos frequentadores e usuários do campo com o Baile Funk torna-se ainda mais evidente quando se descobre que a primeira sede da Escola foi a sede do time 12 Horas e que os jovens se apresentavam nas arquibancadas do campo. Posteriormente, como aponta Rosa (2016), o espaço do Baile passou a ser utilizado por esses jovens que desejavam ter uma formação no funk. A integração e o desenvolvimento das redes dessa juventude estimularam a criação do Sindicato MCs, que atualmente se identifica também como produtora e produz as festas realizadas no Baile.

Percebe-se, dessa forma, que o lazer que os jovens e as jovens vivenciam nas festas do Baile desempenham a função que Dumazedier (2014) descreve como a de divertimento, recreação e entretenimento. Contudo, o envolvimento da juventude com a Escola de MCs e com o Sindicato MC demonstra, também, que a vivência do lazer dos jovens e das jovens no Baile passa pela função do desenvolvimento da personalidade. De acordo com Dumazedier (2014), essa última função “permite uma participação social maior e mais livre, a prática de uma cultura desinteressada do corpo, da sensibilidade, da razão, além da formação técnica prática e técnica; oferece novas possibilidades de integração voluntária à vida de agrupamentos recreativos, culturais e sociais” (DUMAZEDIER, 2014, p. 33).

Como exposto anteriormente, o Campo da Tuka possui dois locais de festas centrais para o usufruto do lazer pela população jovem, e o segundo deles é a Cervejaria da Tuka, que, embora não tenha tanta visibilidade como o Baile, acolhe o público interno e externo da vila e traz, também, em suas festas, muitas atrações. Durante o trabalho de campo, tive a oportunidade de participar de uma das festas realizadas na Cervejaria e, por isso, faço aqui uma descrição mais densa do local.

A Cervejaria, assim como o Baile, tem uma estrutura muito grande. Na imagem 9, mostro um pedaço de sua parte externa, visto que a foto não é capaz de comportar toda sua extensão.

Imagem 10 – Cervejaria da Tuka (externo)



Fonte: autoria própria. Fotografia registrada em 2022.

Para entrar no local, forma-se uma única fila. Ao chegar na porta, o segurança confere as identidades. Diferente do Baile, onde jovens a partir de 16 anos podem entrar, na Cervejaria a classificação de idade é de 18 anos. Já dentro da Cervejaria, os ingressos são comprados. A possibilidade de ingresso são dois: pista, que te permite transitar apenas na área do primeiro andar do local e camarote, em que é possível subir para o segundo andar. Comprados os ingressos, todos, independente do que compraram, passam por uma revista corporal antes de, propriamente, entrar na festa. As bolsas das mulheres são rigorosamente revistadas, assim como as carteiras dos homens. Alguns e algumas também têm seus sapatos vistoriados. A intenção dessa intensa revista, pelo que pude compreender, é de que não entrem na festa qualquer tipo de arma e/ou objeto cortante e qualquer tipo de droga ilícita.

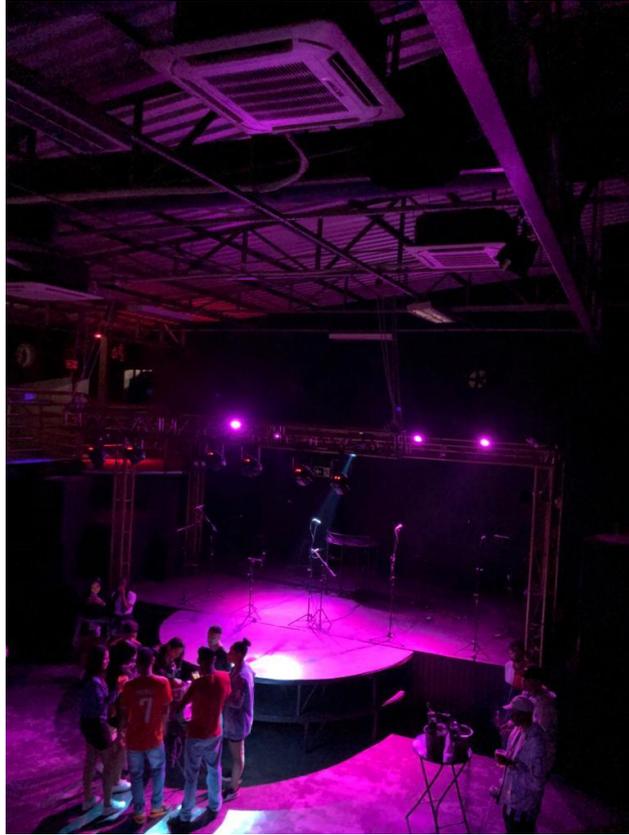
Dentro da festa, pude observar que a estrutura era realmente muito grande e alta. Não havia, contudo, fumódromo, e os que desejavam fumar faziam ali mesmo nas pistas. No andar de baixo, estavam o palco, onde ocorrem as apresentações de pagode, samba e funk das atrações, e o bar. No andar de cima, localizam-se os camarotes, algumas mesas e, também, um outro bar. Apesar do nome “cervejaria”, o local vende outros tipos de bebida, como destilados e energéticos.

Imagem 11 – Cervejaria da Tuka (vista do primeiro andar)



Fonte: autoria própria. Fotografia registrada em 2022.

Imagem 12 – Cervejaria da Tuka (palco visto do segundo andar)



Fonte: autoria própria. Fotografia registrada em 2022.

As imagens 10 e 11 foram fotografadas logo que abriu a Cervejaria e, por isso, não havia, ainda, muitas pessoas presentes. É possível ver, do primeiro andar, os camarotes e, do segundo andar, é possível também ver o palco. É importante destacar que o segundo andar possui camarotes fechados, antecipadamente reservados, mas, também, uma área aberta àqueles que não estavam alocados nesses espaços. Como comentado anteriormente, havia, também, no segundo andar, algumas mesas, que custavam R\$ 30 para serem utilizadas; elas não eram muito grandes, sendo utilizadas, pela maioria das pessoas, apenas para colocar o balde com gelo e bebida.

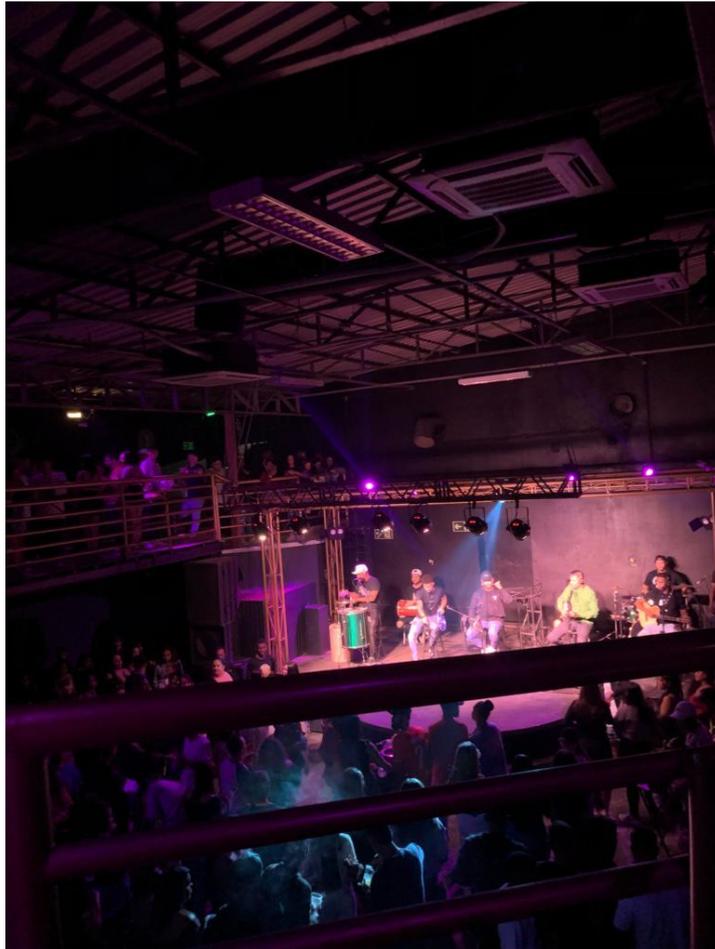
Imagem 13 – Balde com gelo e bebida em cima da mesa



Fonte: autoria própria. Fotografia registrada em 2022.

Assim como as festas do Baile, as da Cervejaria também tem atrações, mas de nomes menos conhecidos na cena musical nacional. Isso não implica, contudo, que a estrutura da Cervejaria seja pior. O som e as luzes são fortes, e os *shows* que ali assisti, muito bem produzidos. A seguir, uma foto durante o *show* de uma banda de pagode, quando a casa já estava cheia.

Imagem 14 – Cervejaria da Tuka durante *show*



Fonte: autoria própria. Fotografia registrada em 2022.

Visto que a população que frequenta a Cervejaria é, majoritariamente, jovem, é possível pensar na vivência do lazer nesse espaço pelos e pelas jovens residentes do Campo da Tuka como uma atividade que desempenha a função de divertimento, recreação e entretenimento, assim como o Baile.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada objetivou compreender as dinâmicas e as estruturas de lazer que a população jovem do Campo da Tuka tem à sua disposição. Dessa forma, foram mapeadas e descritas as quatro principais estruturas: a praça, o campo, o Baile Funk e a Cervejaria. Todas essas constituem a mancha (MAGNANI, 2007), uma relação de estabelecimentos e equipamentos diversos que geram a possibilidade de encontro, de lazer dos jovens e das jovens da Tuka. É interessante notar como o desenvolvimento desses espaços tem conexões fortes, como é o caso do campo de futebol, estrutura central e de referência da vila, e o Baile Funk, considerado o maior e com maior visibilidade do sul do país.

Foram apresentadas, também, informações sobre a história do Campo da Tuka e suas dinâmicas internas, assim como os modos próprios do lazer da juventude que não envolvem necessariamente uma estrutura. É interessante notar que o Estado se mantém ausente para criar e manter espaços de lazer para a população da vila e se faz presente para impedir que determinados espaços de lazer, sobretudo a praça, não sejam utilizados. Isso não faz, contudo, com que os jovens e as jovens deixem de vivenciar o lazer nas ruas e em coletividade.

Discutiu-se aqui também sobre a importância da vivência do lazer como uma das formas de produção de subjetividade e formação dos indivíduos e das relações sociais, sobretudo durante a juventude. O que significa lazer, quais suas funções e o que se opõe a ele foram questões debatidas. As atividades de lazer mapeadas pela pesquisa encaixam-se, especialmente, nas funções, descritas por Dumazedier (2014), de divertimento, recreação e entretenimento e de desenvolvimento pessoal. Também se discutiu, brevemente, sobre como a categoria de gênero impacta na vivência do lazer e na disposição do tempo livre de homens e mulheres, mostrando que as desigualdades de gênero podem ser percebidas também a partir do lazer.

Esse trabalho, por fim, buscou identificar e descrever as estruturas de lazer mais utilizadas pela população jovem do Campo da Tuka dentro da vila e nos seus arredores e seu objetivo foi cumprido. Uma das limitações da pesquisa, contudo, foi o tempo disponível para a imersão no campo, visto a situação de pandemia e minha localização enquanto não-moradora da cidade de Porto Alegre. Por isso, para trabalhos futuros, acredito que seja interessante aprofundar o trabalho de campo para que se conheça mais a fundo essas estruturas, experienciando, junto com os jovens, o lazer nelas. Sugere-se, também, que para trabalhos futuros a imersão no campo seja maior para melhor compreender a conexão da

vivência do lazer da juventude da Tuka com a noção da coletividade e os modos próprios de lazer que os jovens e as jovens desenvolvem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine; GUTIERREZ, Gustavo Luis. O lazer no Brasil: do nacional desenvolvimentismo à globalização. **Conexões**, v. 3, n. 1, p. 36-57, 2005.
- AMARAL, Sílvia Cristina Franco. Avanços e contradições da participação popular na definição de políticas públicas de lazer em Porto Alegre. **Movimento**, v. 11, n. 3, p. 9-26, 2005.
- ANDRADE, Carolina Paes; MARCELLINO, Nelson Carvalho. O Lazer, A Periferia da Metrópole e os Jovens. **Licere**, v. 14, n. 2, p. 1-17, 2011.
- ANHAS, Danilo de Miranda; CASTRO-SILVA, Carlos Roberto. Potência de ação da juventude em uma comunidade periférica: enfrentamentos e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 9, p. 2927-2936, 2018.
- ARRUDA, Daniel Péricles. Cultura Hip-Hop e Serviço Social: a arte como superação da invisibilidade social da juventude periférica. **Revista Katálysis**, v. 23, n. 1, p. 111-121, 2020.
- BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.
- CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Camarapoa**, 2016. Projeto denomina rua Campo da Tuca logradouro na Vila João Pessoa. Disponível em: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/projeto-denomina-rua-campo-da-tuca-logradouro-na-vila-joao-pessoa>. Acesso em: 16 maio 2022.
- CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. **O que é Lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Lazer: concepções e significados. **Licere**, v. 1, n. 1, p. 28-36, 1998.
- DUARTE, Rosalia. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, v. 24, p. 213-225, 2004.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. *In*: GUIMARÃES, A.Z. **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1980, p. 77-86.
- GAMA, Fabiene. Etnografias, auto-representações, discursos e imagens: somando representações. *In*: GONÇALVES, Marco Antônio; HEAD, Scott. (Orgs.). **Devires imagéticos: representações/apresentações de si e do outro**. Rio de Janeiro: 7letras, 2009, p. 91-114.
- GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n.1, p.3-20, 2014.
- GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade de. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Movimento**, v. 9, n. 1, p. 23-44, 2003.

GRAEFF, Lucas; WAISMANN, Moisés; BERG, Oscar Augusto. Equipamentos culturais na região metropolitana de Porto Alegre: desafios e possibilidades de avaliação a partir das metas do Plano Nacional de Cultura. **Políticas Culturais em Revista**, v. 1, n. 18, p. 206-211, 2015.

JOGOS Farroupilhas: conheça as regras do jogo do osso. **G1**, 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/semana-farroupilha/2015/noticia/2015/09/jogos-farroupilhas-conheca-regras-do-jogo-do-osso.html>. Acesso em: 18 abr 2022.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medos urbanos e mídia: o imaginário sobre juventude e violência no Brasil atual. **Revista Sociedade e Estado**, v. 26, n. 3, p. 471-485, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese (orgs). **Jovens na Metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventude es más que una palabra. *In*: MARGULIS, Mario (editor). **La juventude es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 13-30.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de Arte e Antropologia** [Online], v. 3, n. 2, 2014.

OBSERVATÓRIO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE. **Porto Alegre Prefeitura**, 2019. Observando Bairro: breve análise sobre os bairros de Porto Alegre. Disponível em: <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_vila_joao_pess_oaa.pdf>. Acesso em: 06 maio 2022.

PREFEITURA POA. **Porto Alegre Prefeitura**, 2022. Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/smelj>>. Acesso em: 06 maio 2022.

ROLNIK, Raquel; KLINK, Jeroen. Crescimento econômico e desenvolvimento urbano. **Novos Estudos**, v. 89, mar/2011.

ROSA, Pedro Fernando Acosta. **BAILES, FESTAS, REUNIÕES DANÇANTES, TRAMPOS, MONTAGENS E PATIFAGENS**: uma etnografia musical no Campo da Tuca, “a capital do Funk no Sul do país”. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música. Porto Alegre, p. 198, 2016

SILVA, Débora Alice Machado *et al.* Importância da recreação e do lazer. **Cadernos interativos – elementos para o desenvolvimento de políticas, programas e projetos intersetoriais, enfatizando a relação lazer, escola e processo educativo**. Brasília: Editora Ideal, 2011.

SILVA, Marina Jorge da; OLIVEIRA, Marina Leandrini; MALFITANO, Ana Paula Serrata. O uso do espaço público da praça: considerações sobre a atuação do terapeuta ocupacional social. **Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 2, p. 438-447, 2019.

TAVARES, Breitner. Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 309-327, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Imagem armazém dentro do Campo da Tuka



APÊNDICE B – Imagem mini mercado dentro do Campo da Tuka



APÊNDICE C – Imagem restaurante dentro do Campo da Tuka**APÊNDICE D – Imagem lanchonete dentro do Campo da Tuka**



APÊNDICE E – Imagem um tipo de loja dentro do Campo da Tuka



APÊNDICE F – Imagem Escola de Educação Infantil Campo da Tuca



APÊNDICE G – Imagem Escola de Educação Infantil Paineiras



APÊNDICE H – Imagem Clínica da Família Campo da Tuca



APÊNDICE I – Imagem Unidade de Triagem de Resíduos Recicláveis Campo da Tuca



APÊNDICE J – Imagem Associação Comunitária Campo da Tuca²⁵**APÊNDICE K – Questões da entrevista com Yasmin**

²⁵ Esse espaço da ACCAT é dedicado prioritariamente ao SAF. A Associação possui também outros espaços na construção em que se localiza a Escola de Educação Infantil Campo da Tuca.

ENTREVISTA COM YASMIN

1. Qual sua idade?
2. No que trabalha?
3. Quais são os seus horários de trabalho?
4. É casada/namora?
5. Mora com quem?
6. O que faz no tempo livre?
7. O que faz nos dias de semana?
8. O que faz nos finais de semana?
9. Pensando em lazer, quais as atividades que faz?
10. Frequenta algum espaço de lazer? Se sim, quais? Se sim, frequenta sozinha?
11. Sobre as atividades e os espaços frequentados, esses ocorrem dentro do Campo da Tuka?

APÊNDICE L – Questões da entrevista com Roberta

ENTREVISTA COM ROBERTA

1. Qual sua idade?
2. Trabalha? Se sim, quais seus horários de trabalho?
3. Sempre morou na Tuka? Se não, onde morava?

SE NÃO:

4. Como aproveitava o tempo livre nesse outro lugar?
5. Como aproveitava o lazer?
6. Que lugares frequentava?
7. Frequenta sozinha ou acompanhada?

ATUALMENTE:

8. O que faz no tempo livre aqui na Tuka?
9. O que faz como lazer?
10. Faz acompanhada?
11. Frequenta algum espaço? Se sim, quais? Se sim, frequenta acompanhada?
12. Sobre as atividades e os espaços frequentados, esses ocorrem dentro do Campo da Tuka?

APÊNDICE M – Questões da entrevista com Thomas

ENTREVISTA COM THOMAS

1. Qual sua idade?
2. Estuda e/ou trabalha?
3. Como são seus horários?
4. É casado/namora?
5. Mora com quem?
6. Sempre morou na Tuka? Se não, onde morava?
7. O que faz no tempo livre?
8. O que faz nos dias de semana?
9. O que faz nos finais de semana?
10. Pensando em lazer, quais as atividades que faz?
11. Faz acompanhado?
12. Frequenta espaços de lazer? Se sim, quais? Se sim, sozinho ou acompanhado?
13. Sobre as atividades e os espaços frequentados, esses ocorrem dentro do Campo da Tuka?